REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 362

11 DE JANEIRO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

D. NETTO

D. JOÃO CHRYSOSTOMO DE AMORIM PESSOA — ARCEBISPO RESIGNATARIO DA ARCHIDIOCESE DE BRAGA

FALLECIDO EM 25 DE DEZEMBRO DE 1888 — (Segundo uma photographia de J. Wunderl)

CHRONICA OCCIDENTAL

Passaram as festas do anno bom com um tempo excellente, dias esplendidos, claros, limpidos, que se differençavam apenas dos dias de verão no frio secco e intenso, que arroxeava os narizes das elegantes que passeavam na Avenida, cobertas de pelles e de *fourrures* como se passeassem nos jardins de S. Petersburgo.

No dia 1 de janeiro como é do costume os theatros de Lisboa abarrotaram todos de espectadores, do mesmo modo que todas as ruas estiveram desde pela manhã até á noite cheias de transeuntes, porque na nossa terra ha muito arreigada a crendice de que é necessario sahir no primeiro dia de cada anno para se sahir durante o anno todo, para se levar bem a vida n'esses 365 que despontam no horisonte.

E esse *bom agouro* fez com que os lisboetas, que habituados ao sol radiante e ao ceu azul da Peninsula, costumam a inutilisar para os seus passeios os raros dias sorumbaticos e nevoentos do inverno — que lá fóra nos paizes do norte, onde as grandes tempestades e as chuvas torrenciaes constituem o habitual *menu* dos invernos, são aproveitados com enthusiasmo e afan por toda a gente — não fizessem caso da carranca invernosa do dia 1 de janeiro, e attendendo apenas a elle ser o primeiro dia do anno novo e o aproveitassem como se fosse um d'esses dias primaveraes d'inverno, que são o encanto da nossa terra.

Nós tambem, impellidos pela velha crendice o aproveitámos. Andámos todo o dia na rua, e até, como no fim de contas o frio não convidava muito a demorados passeios na Avenida, fomos ver pela primeira vez o novo theatro da Rua dos Condes, que oito dias antes se abrira ao publico e de que — exactamente por nunca o termos visitado — ainda não tinhamos fallado aos nossos leitores.

E como o vimos apenas de dia não podemos ainda hoje fallar senão do aspecto da sala, que é realmente bonita e agradavel.

É um theatrinho pequeno, mas muito fresco e muito elegante, e muito aceado, tres cousas que não são para desprezar, tres titulos a elle ser concorrido com agrado.

O interior do theatro da Rua dos Condes corresponde perfeitamente ao seu aspecto exterior, que produz muito boa impressão e apesar de não ter luxo de architectura, tem uma apparencia sympathica e elegante que não faz ter nenhumas saudades do velho casebre que por muitos annos ali funccionou gloriosamente, nem do reles barracão que depois o substituiu durante annos com muito menos gloria para a arte, mas com muito mais fortuna para o empresario.

O novo e elegante theatro da Rua dos Condes está entregue em boas mãos: nas mãos de Salvador Marques, um auctor dramatico distinctissimo e empresario theatral já muito conhecido, e nas de Sousa Bastos, cuja actividade e competencia em assumptos theatraes é indiscutivel.

Salvador Marques é o empresario e Sousa Bastos é o director de scena e a companhia que este anno funcciona no theatro tem artistas de reconhecido merecimento, apesar de incompleta e um pouco deficiente, como não podia deixar de ser desde o momento em que teve que ser organisada em dezembro, isto é, em meio da época theatral, quando todos os theatros tem já as suas companhias formadas, tornando difficil, senão impossivel, a confecção d'um *ensemble* perfeito e completo.

O novo theatro da Rua dos Condes foi inaugurado no dia 23 de dezembro com uma poesia allusiva recitada pelo grande actor Taborda, um aproposito em dois quadros do sr. Baptista Machado e uma operetta em dois actos de Sousa Bastos e Oliveira, *As duas Rainhas*, com musica d'um maestro novo e que tem talento distincto o sr. Dalhunty.

No elenco da companhia figuram alguns nomes festejados como os de Pepa, Guilhermina Macedo, Laura Godinho, Alfredo de Carvalho, Salazar e outros.

No dia 2 de janeiro, com um bello sol verdadeiramente peninsular, realisou-se a abertura das Camaras com a solemnidade do costume, e á noite houve a habitual recita de gala no theatro de S. Carlos, a que assistiu a familia real na tribuna grande, com todo o ministerio e a côrte.

O aspecto da formosa sala de S. Carlos n'estas recitas de gala é sempre attrahente e festivo, apesar de o deslumbramento que foi a sala de S. Carlos na noite da representação de gala por occasião do casamento do Principe Real, ter feito empallidecer e parecer pequenas todas as grandes galas que se lhe tem seguido.

As verdadeiras noites de gala em S. Carlos esta época tem sido as noites em que canta a Van Zandt.

A famosa cantora americana tem continuado a sua carreira triumphal entre nós, e no *Fra Diavolo* d'Auber encontrou o mesmo ruidoso e enthusiastico successo que alcançára na *Mignon* e na *Dinorah*.

Nunca pudemos comprehender muito bem qual o motivo porque quasi todas as grandes *estrellas* do mundo lyrico, mettem no seu reportorio a antiga opera comica d'Auber.

Alem de nem mesmo como opera comica ser uma obra prima, o *Fra Diavolo*, apesar de ter trechos verdadeiramente deliciosos, transformado em opera lyrica, com o *fallado* mudado para recitativo, torna-se fatigante e insignificante.

O poema que é de Scribe é tudo que de mais chôcho sahiu da sua penna banal, e nem sequer tem os grandes effeitos de contestura em que primava o seu *savoir faire* e em que abundam os seus *libretos* feitos para Meyerbeer.

Alem de tudo isto porém, o papel de Zerlina é d'uma insignificancia reles tanto no poema como na partitura e apenas tem no segundo acto uma scena pouco importante, a do deitar, que feita como a faz a Van Zandt é uma verdadeira obra prima, de talento e de graça, d'arte de comediante, e de arte cantora.

Evidentemente é apenas por essa scena que a Van Zandt tem o *Fra Diavolo* no seu reportorio, e tanto ella reconhece, que n'essa opera nada mais tem que fazer, que a recheia de trechos estranhos á partitura como o *bolero* das *Vesperas scicilianas*, a valsa da sombra da *Dinorah*, e a valsa do *Romeu e Julietta*.

A maneira extraordinaria porque a Van Zandt cantou esses trechos, todos elles bisados, valeu-lhe calorosas e enthusiasticas ovações.

No *Barbeiro de Sevilha*, na primeira noite — que na segunda a que não assistimos agradou muito, segundo ouvimos — o successo não foi tão completo e incontesttavel como nas outras operas que a formosa cantora americana tem executado entre nós.

Nem ella, nem o Battistini, produziram na velha opera rossiniana o effeito enorme que se esperava, e que mais do que isso, tinham produzido em todas as pessoas que assistiram ao ensaio geral d'essa opera.

Alguns fanaticos da Patti nos disseram a nós, depois d'esse ensaio, que a Van Zandt era extraordinaria no papel de Rosina e excedia todas ás Rosinas que Lisboa tinha visto.

Veio a primeira representação, a Van Zandt cantou bem, representou magistralmente algumas scenas, como por exemplo a da entrega da carta a Figaro, mas não teve o enorme successo da *Mignon* e da *Dinorah*.

Porque?

É verdade que a recordação da Patti no *Barbeiro* é esmagadora, e ainda ha pouco em Madrid essa recordação prejudicou a Emma Nevada, que estando a alcançar ali um successo muito superior ao que a Patti ali alcançou, quando chegou a Rosina não poude triumphar da recordação gloriosa que a celebre diva deixara n'esse papel, mas tambem o que é verdade é que na primeira noite do *Barbeiro* a Van Zandt não estava na plena posse de todos os seus prodigiosos recursos artisticos, e tanto que a valsa do *Romeu e Julietta*, que pela terceira vez cantava, n'essa noite não a cantou tão brilhantemente, como nas duas vezes anteriores.

Agora vamos ouvir a grande artista n'uma opera nova para nós, a *Lakmé* de Leo Delibes, de que ella foi não só a creadora, como tambem a inspiradora.

E já que fallámos em confrontos e em recordações esmagadoras, fallemos d'um confronto triumphante de que não podemos comprehender inteiramente nada.

Lembram-se d'uma prima-dona que esteve ha quatro annos em Lisboa, que passou quasi desapercebida e tanto que não veio reconduzida, e que só se tornou notavel pelo seu grande queixo, a sr.ª Medea Borelli?

Pois essa Borelli que em S. Carlos deu tão pouco que fallar de si, que nem se distinguiu pelo talento nem pela voz, acaba de obter um grande triumpho em Madrid na *Gioconda*, na *Gioconda* em que ainda ha um mez ali foi acclamada a Theodorini, que na opera de Ponchielli é verdadeiramente assombrosa.

Vão lá comprehender e explicar estas coisas.

Como actriz a Borelli era, quando esteve em Lisboa, excessivamente mediocre; como cantora tinha bonita voz, cantava bem, mas tudo isso dentro da bitola commnm e tanto que passou sem deixar de si recordações, e eis que de repente ella nos apparece alcançando um triumpho, n'um papel eminentemente dramatico, em que a Theoderini era colossal como cantora e como comediante, tão colossal que a critica de Roma onde a famosa artista debutou ha dias, a compara á Sarah-Benhardt.

O successo da Borelli em Madrid enche-nos de curiosidade e de espanto.

E agora por Sarah-Benhardt.

Está em Lisboa uma gentilissima actriz que nos veio do Brazil e que nos dizem ser realmente extraordinaria a imitar a grande actriz franceza.

Chama-se Cinira Polonio, está hospedada no Hotel Central, e segundo informações que temos do Brasil, é uma artista distinctissima d'opera comica.

É muito nova ainda, magra, branca, elegantissima, de finissimos cabellos louros, fallando excellentemente portuguez, francez, e italiano, sabendo tão bem musica que já cantou o *Fausto* de Gounod, dotada de brilhante espirito, de grande illustração e de notavel intelligencia.

Em breve o publico de Lisboa terá o prazer de ouvir esta distincta actriz no Theatro da Trindade, e então poderá apreciar os seus merecimentos, e se elles justificarem, como é de esperar, a fama de que ella vem precedida, será uma boa fortuna para nós e para os nossos theatros.

Exactamente no dia em que o nosso jornal se publica, representa-se pela primeira vez em D. Maria uma peça *Rogerio Laroque* em que a empreza tem grande confiança, confiança havida no grande *successo* que essa peça teve em Paris com o titulo de *Roger la Honte*.

A Trindade teve um grande *successo* com o *Surcouff* de Planquette e o Gymnasio outro brilhante exito com um original em 3 actos *A's 11 e meia*, estreia theatral d'um poeta e d'um escriptor de grande talento, o sr. Accacio Antunes.

Não podémos assistir á primeira representação d'este original portuguez, mas em breve diremos d'elle como é nosso dever e nosso prazer, porque de ha muito temos profunda estima e admiração pelo brilhantissimo talento do seu auctor, a quem nos ligam de ha muito os mais cordeaes laços de boa amisade e de intima camaradagem litteraria.

Gervasio Lobato.

D. JOÃO CHRYSOSTOMO D'AMORIM PESSOA
ARCEBISPO RESIGNATARIO DE BRAGA

O illustre prelado D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa, arcebispo resignatario da archidiocese de Braga, a quem a morte abriu o tumulo no dia 25 de dezembro de 1888, era um dos mais esclarecidos membros do clero portuguez, uma das sumidades mais respeitadas da egreja lusitana, um patriota de boa tempera, cuja austeridade de caracter não lhes permittia transigencias que fossem contrarias á justiça, ou importassem fraqueza no cumprimento dos seus deveres.

Vão sendo cada vez mais raros estes homens assim, e por isso tanto mais lamentavel a sua perda, que não é facilmente substituida, no meio d'esta sociedade decadente, cheia de fraquezas e de duvidas, em que as convicções se amoldam ás conveniencias que muitas vezes fazem esquecer os deveres, a justiça e a dignidade.

De inteireza de caracter deu sobejas provas durante a sua vida o venerando arcebispo D. João Chrysostomo, e se outros factos o não attestassem, bastava, a sua attitude energica em face dos direitos de Portugal no padroado do Oriente, contra as pertenções da *Propaganda Fide*, procedimento que importou a sahida de Portugal do representante da Santa Sé, Monsenhor Oreglia.

N'esta situação, como em muitas outras, D. João Chrysostomo affirmou a sua lealdade e patriotismo, que nem o despeito por não ter sido provido na Sé de Lisboa quando falleceu o patriarcha D. Manuel, nem o cahir no desagrado da poderosa companhia de Jesus, o fizeram por um momento esquecer o que devia á patria e á consciencia.

Mas não nos alarguemos em considerações que alongariam demasiadamente esta simples noticia biographica, e antes procuremos ser breve na innumeração dos factos que encontramos na vida

de D. João Chrysostomo e que affirmam a sua grande individualidade entre os prelados portuguezes.

D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, arcebispo de Gôa, Primaz do Oriente, e arcebispo resignatario de Braga, naseeu em Cantanhede, districto de Coimbra, a 14 de Outubro de 1810, sendo filho de João Dias Pessoa e de D. Francisca Ignacia de Jesus Gomes Murta.

Os seus primeiros estudos realisou-os na sua terra natal, estudando o latim com o padre João Sarrilhas de Campos, e entrou como noviço para o convento de Santo Antonio de religiosos franciscanos, existente na mesma villa, em 11 de junho de 1826, professando no anno seguinte aos 13 de junho.

Logo depois de professar foi mandado para o convento de Santo Antonio da villa da Sertã, e em 20 de janeiro de 1828, transferido para o convento de Santo Antonio da Lameda, em Lisboa, onde estudou philosophia racional e moral, geometria e principios de physica, no collegio do mesmo convento, passando depois, em 22 de julho de 1830, para o collegio de Santo Antonio da Pedreira de Coimbra, a completar os seus estudos de theologia.

No capitulo que se celebrou em 1833, no convento de Santo Antonio da Castanheira, foi nomeado *Passante* ou *Oppositor*.

O arcebispo de Cranganor, conferiu-lhe ordens menores, em 1829, no Hospicio da Terra Santa, que se achava estabelecido no edificio em que hoje funccionam as repartições do Governo Civil de Lisboa.

As ordens de subdiacono e de diacono foram-lhe conferidas pelo Bispo Conde D. Fr. Joaquim da Nazareth, na capella do Paço de Coimbra, e as de presbytero, pelo bispo de Cabo Verde D. Fr. Jeronymo da Soledade, aos 19 de setembro de 1835.

Ainda com ordens menores, já em 1833 prégava em Coimbra, e a sua palavra era escutada com interesse e satisfação, cativando o auditorio pela elevação do pensamento e pela correcção da phrase.

Em 1843 entrou na universidade de Coimbra, matriculando-se na faculdade de theologia, e em 1849 concluiu ali os seus estudos, defendendo conclusões magnas no anno seguinte, as quaes imprimiu e offereceu aos seus professores.

Fez depois exame privado em que teve distincção, e tomou o grau de doutor em theologia, a 28 de julho de 1850.

No anno seguinte, por decreto de 11 de agosto foi apresentado prior da egreja de Cantanhede, de que tomou posse em 9 de novembro.

Foi nomeado, por portaria de 19 de agosto de 1856, professor do Seminario Episcopal de Coimbra, logar que desempenhava desde 1855, e examinador Synodal do bispado, por nomeação do Vigario Apostolico de Coimbra, Dr. Antonio José Lopes de Moraes.

Apresentado n'uma cadeira da Sé Cathedral como Arcediago do Vouga, por decreto de 18 de janeiro de 1856, tomou posse do logar em 9 de fevereiro.

Por decreto de 11 de abril de 1855, foi despachado lente substituto extraordinario da faculdade de Theologia, passando a ordinario em 5 de setembro do referido anno.

Em todos estes cargos deu sempre o nosso biographado, provas de grande capacidade, que lhe valeram o ser chamado a mais altos cargos officiaes; e assim, em 30 de junho de 1859 foi nomeado pelo governo portuguez, bispo de Cabo Verde, nomeação que foi confirmada pela Santa Sé em 23 de março de 1860, sendo sagrado em Santarem, a 23 de agosto do mesmo anno, pelo Patriarcha de Lisboa D. Manoel com a assistencia dos bispos resignatarios de Angola D. Sebastião e D. Joaquim.

Não chegou, porem, a tomar posse da diocese, porque n'este mesmo anno foi despachado arcebispo de Gôa, por decreto de 22 de outubro, e confirmado pela curia, em 21 de março de 1861, recebendo as bullas da confirmação, em 2 de maio de 1862.

Partiu para Gôa em 4 de setembro seguinte, mas foi primeiro a Roma, e visitou por esta occasião Nantes, Orleans, Paris, Leão, Marselha, Napoles, Messina, Alexandria, Cairo e Suez, chegando a Gôa em 31 de dezembro.

Tomou posse da archidiocese a 11 de janeiro de 1863, e principiou o seu sabio governo, visitando todas as terras e povos do grande arcebispado Primaz do Oriente.

De como elle se desempenhou d'esta difficil missão, dizem-n'o aquelles povos, nas infinitas demonstrações de respeito e reconhecimento que sempre lhe testemunharam, como a um dos mais dignos e esclarecidos prelados que ali tem governado, chegando o povo de Madrasta a offerecer-lhe uma medalha de honra em memoria dos beneficios dispensados pelo illustrado arcebispo á sua archidiocese.

Nos poucos annos que governou esta archidiocese, mereceu-lhe particular attenção o ensino do clero, que encontrou muito descurado, e assim opperou grandes reformas no seminario de Rachol, que o pozeram a par dos seminarios do reino, iniciando ainda a creação de uma bibliotheca tão necessaria para o estudo.

Defensor do padroado portuguez no Oriente, combateu quanto em suas forças coube pelos direitos de Portugal, e os que lerem a memoria por elle escripta sobre o referido padroado, tem occasião de avaliarem a coragem e desafogo com que elle pugnou pela conservação d'esse padroado, chave do nosso poderio nos Estados da India, o que elle confirma no tomo II das *Obras de D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa*, quando diz:

«O padroado do Oriente é ainda hoje a mais bella joia que brilha na corôa de sua magestade fidelissima; e tirada ou perdida que seja esta joia, ficará acabada toda, ou quasi toda, a importancia dos Estados da India Portugueza. O nosso nome, a nossa gloria de outro tempo, os interesses actuaes de Gôa, devem em grande parte a sua conservação ao padroado; e se ainda temos alguma influencia na India, não a poderemos conservar senão pelo padroado.»

A saude do esclarecido prelado não lhe permittiu que se conservasse á frente da sua archidiocese e obrigou-o a retirar para a Europa em 5 de fevereiro de 1869.

Esteve retirado por algum tempo da vida activa, na sua quinta de Santa Monica proximo de Coimbra, até que, em 27 de julho de 1874 foi nomeado coadjutor do arcebispo de Braga, nomeação confirmada em 17 de novembro immediato.

Por morte do arcebispo de Braga D. José Joaquim de Azevedo e Moura, occorrida em 27 de novembro de 1876, tomou posse da archidiocese no dia immediato.

Recebeu o *Pallium*, como metropolita e Primaz das Hespanhas, na egreja do Sacramento, em Lisboa, da mão do Bispo de Bragança D. José Maria da Silva de Carvalho Martins, no dia 13 de fevereiro de 1877, e tomou posse solemne na sede archiepiscopal, em 11 de março do referido anno.

O seu governo na archidiocese bracharense, tambem se assignalou por actos de boa administração e zelo pela egreja, de que mencionaremos, as obras que mandou fazer na Sé de Braga, restaurando as suas capellas; outras que ordenou se fizessem no palacio archiepiscopal, incluindo a restauração de alguns quadros da sala dos arcebispos.

Promoveu a mudança do seminario de Braga, do edificio do Campo de Luiz I, para o edificio do convento das Urselinas, cedido pelo governo a suas instancias, por decreto de 5 de maio de 1882.

Organisou o estudo de theologia no seminario segundo o programma da universidade de Coimbra.

Mandou trasladar os restos de Fr. Caetano Brandão para a capella do seminario dos Orphãos, que elle fundou, afim de lhe erigir um mausoleu condigno.

Acabou com certas usanças ridiculas nas procissões, como os *farricocos* que iam na procissão dos Paços, etc.

Assistiu á inauguração dos trabalhos do monumento a Pio IX na serra de *Santa Catharina*, em Guimarães, cerimonia que se realisou com a maior pompa, no dia 18 de junho de 1882, e de que o seu secretario particular o reverendo padre dr. Alfredo Elviro dos Santos, escreveu uma memoria muito circumstanciada, que publicou em Braga, em 1882 com o titulo, *Monumento a Pio IX, Visita do Ex.mo e Rev.mo snr. D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, arcebispo e senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, etc. etc. á cidade de Guimarães por occasião do lançamento da primeira pedra do monumento que vae ser erigido no monte da Penha, na serra de Santa Catharina, suburbios da mesma cidade, em honra do Summo Pontifice Pio IX, por Alfredo Elviro dos Santos presbytero com o curso trienal Theologico do Seminario Patriarchal de Santarem, Bacharel formado em Theologia pela Universidade de Coimbra, secretario particular do Ex.mo e Rev.mo Snr. Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, etc. etc.*

Cinco annos depois, em 1882, não se tendo conformado com a resolução do governo que lhe negou licença para consultar a Santa Sé sobre as ordens que recebera do mesmo governo, resolveu resignar o seu logar, renuncia que lhe foi acceite, e em que mais uma vez D. João Chrysostomo provou a sua rija tempera de antes quebrar que torcer.

Retirou-se então á vida particular, indo viver para a sua quinta de Cabanas proximo de Braga, e entregou-se aos seus trabalhos litterarios, como declara na introducção ao tom. II das suas obras, que já citamos:

«Nunca me lembrei de que a minha correspondencia official houvesse de ser publicada pela imprensa, pelo menos durante a minha vida; mas os tempos mudam e nós com elles; e achando-me agora livre dos cuidados, que não póde deixar de ter quem governa, pareceu-me que esta publicação não só justificaria os actos do meu governo nas dioceses, de que fui prelado, mas tambem poderia ser proveitosa aos meus collegas no episcopado, e principalmente a todos os que desejam saber a verdade com relação á historia importante e muito instructiva do padroado portuguez nas Indias Orientaes, que ainda não está escripta e que muito conviria que se escrevesse.»

Das *Obras de D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa* acham-se publicados os tres primeiros tomos, estando no prelo o tomo IV que está sendo revisto e dirigido pelo sr. Carlos Pessoa, sobrinho do fallecido.

São muitos os trabalhos litterarios do illustre prelado, os quaes andam dispersos em varias publicações.

Em Braga publicou durante 11 annos (1875 a 1886) a *Semana Religiosa Bracharense* e no catalogo das suas obras encontramos: *Carta Pastoral de despedida ao clero, missões e mais fieis da sua archidiocese de Gôa*, impressa em 1874 na imprensa da Universidade; *Theologiæ Dogmaticæ Ecclesiasticæ Compendium*, Gôa 1863-1865; *Collecção das Pastoraes, Provisões, Portarias, Editaes e Circulares interessantes do arcebispado de Gôa*, 1871; *Cathecismo historico da religião christã*, Gôa, 1863; *Segunda edicção correcta e augmentada Institutiones Theologiæ Dogmatticæ*, Porto, 1875.

D. João Chrysostomo foi um dos ornamentos mais distinctos da tribuna sagrada, e desde 1833, como já se disse, até que foi investido nos habitos prelaticios, prégou cerca de tres mil sermões, como elle proprio contava cheio de satisfação.

Alem das dignidades a que se elevou na egreja, o governo de sua magestade agraciou-o com a grã-cruz da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, e commenda de Nossa Senhora da Conceição.

Era do conselho de Sua Magestade e Par do Reino, e na camara alta foi um dos seus mais distinctos membros.

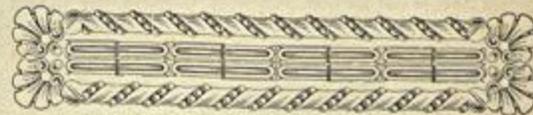
Socio do Instituto de Coimbra, do de Vasco da Gama, de Gôa e da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Em seu testamento legou uma fortuna avaliada em cerca de cem contos de réis, deixando contemplados os seus parentes, e instituindo herdeiro universal de todos os seus bens a Misericordia de Cantanhede, com a obrigação de fundar um hospital para os pobres, e estabelecer duas aulas de francez e de latim.

A sua livraria, que é valiosa, legou-a á Camara Municipal de Cantanhede, e os manuscriptos á Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Foi sepultado em Cantanhede, sua terra natal, conforme determinação que deixou.

A sua longa vida foi empregada no serviço da patria e da religião, com zelo digno de ser imitado.

Caetano Alberto.

AS NOSSAS GRAVURAS

VIAGEM DA CORVETA «RAINHA DE PORTUGAL»

A noticia do grande perigo que correu a corveta *Rainha de Portugal*, na sua viagem para Moçambique, onde vae reforçar a divisão naval ali estacionada, para o bloqueio da costa de Zanzibar, foi recebida em Lisboa com o mais profundo sentimento, pensando-se até, ao principio, que o navio tinha sossobrado, no meio do furioso temporal que o assaltou, proximo de Port-Said.

Essa primeira impressão felizmente desvaneceu-se, em vista de posteriores noticias tranquilisadoras, de que o navio triumphara da furia dos elementos, sem perda de vidas, mas com grossa avaria.

Uma carta que recebemos de Port-Said, escripta de bordo da corveta *Rainha de Portugal* por um nosso dedicado correspondente, descreve com todas as particularidades, o perigo eminente que este navio correu durante quatro dias de temporal desfeito, em que por mais de uma vez esteve prestes a afundar-se e com elle toda a guarnição, pereceria no meio das encapelladas ondas do Oceano, sem esperança de soccorro.

Esta carta, que em seguida publicamos, deu motivo ao nosso collaborador artistico, sr. José Pardal, a compor com o seu lapis imaginoso, o desenho que reproduzimos na gravura d'esta pag. e que representa a corveta *Rainha de Portugal* em lucta com a tempestade, no momento em que e metter carvão, e de lá largamos no dia 5 pelas 7 horas da manhã, seguindo nas nossas aguas a canhoneira *Tamega*, que fôra primeiro a Tanger e que viera reunir-se-nos.

Pouco depois de sahirmos de Malta, a *Tamega* foi ficando para a pôpa da corveta, e ás 3 horas da tarde tinha-se perdido da nossa vista, porque o seu andamento era inferior ao do nosso navio.

Contavamos chegar a Port-Said na tarde do dia 8 ou na manhã do dia 9, em boas condições de viagem, mas não aconteceu assim, porque pela tarde do dia 6 principiou a levantar-se vento rijo do N. que foi crescendo cada vez mais e de modo que ao sol posto do dia 8, o mar levantava-se em grossos vagalhões ameaçando tragar o navio. deixava ver um unico raio de sol; o barometro baixara consideravelmente, tirando-nos toda a esperança de uma rapida evolução no tempo para melhor, e o mar crescia cada vez mais alteroso.

Entretanto os dignos officiaes commandantes não desamparavam o seu posto, animando com o seu exemplo a guarnição do navio composta de 162 homens.

Pelas 10 horas da manhã uma enorme vaga que surprehendeu o navio d'avante, sem que fosse possivel orçar, partiu-lhe quasi todo o apparelho da prôa levando-lhe o pau da bujarrona, o da giba, sevadeiras e pica-peixe que apenas ficaram suspensos por alguns cabos.

Este desastre podia arrastar comsigo para o

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

A CORVETA «RAINHA DE PORTUGAL» ACOSSADA PELA TEMPESTADE, PROXIMO DE PORT-SAID — 9 DE DEZEMBRO DE 1888

(Composição e desenho do artista amador sr. José Pardal)

a força do mar lhe partiu o gurupes arrastando todo o apparelho correspondente.

É um quadro de sensação, da mais palpitante actualidade, e que pertence á historia da nossa marinha, a qual mais uma vez provou que na patria dos Gamas ainda não se extinguiu a raça dos ousados marinheiros, que ha quatro seculos dobraram o Cabo das Tormentas.

Eis a carta:

«Port-Said, 13 de dezembro de 1888. — Escrevo-lhe ainda sob a impressão da formidavel tempestade que nos assaltou proximo d'este porto, parecendo-me ainda fortemente abalado pelo jogo extraordinario da corveta, nos dias que precederam a nossa entrada aqui.

O tempo não me sobra para lhe descrever todos os perigos que nos rodearam desde a nossa sahida de Malta até á entrada n'este porto.

Estivemos quatro dias em Malta para refrescar

A tempestade desencadeou-se com violencia, e como o mar batia o navio de travez, o commandante mandou aprôar á vaga, desviando-se o navio do rumo que levava, e augmentando o balanço de pôpa á prôa extraordinariamente.

Durante a noite redobrou a tempestade e com ella a furia do mar.

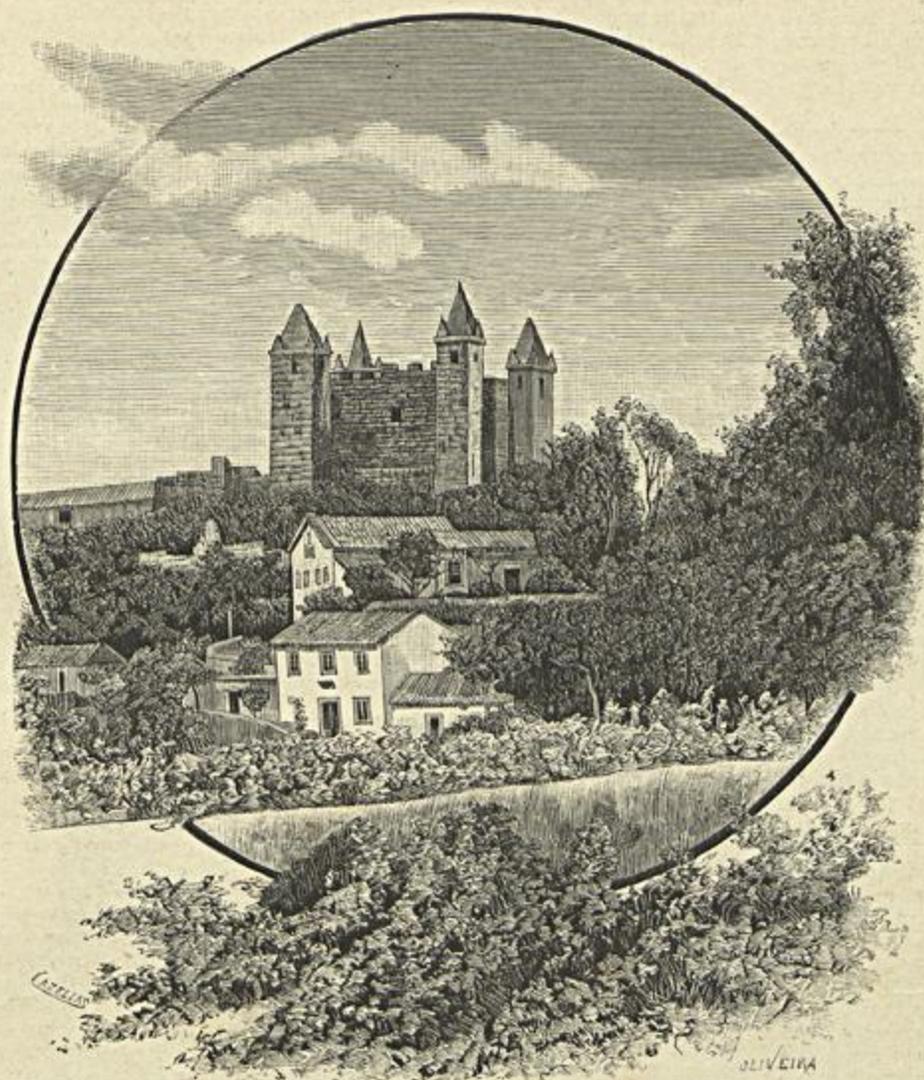
Por muitas vezes vimos a corveta prestes a afundar-se, tragada pelas enormes ondas que a investiam pela prôa, mas apesar da horrivel situação em que nos achavamos, ninguem a bordo perdeu o animo, e o intrepido commandante, o nosso capitão-tenente Francisco de Paula Teves e o immediato Carlos Leopoldo dos Santos Diniz, firmes e serenos no seu posto de commando, dirigiam as manobras com inexcedivel acerto, luctando corajosamente com o perigo que nos cercava.

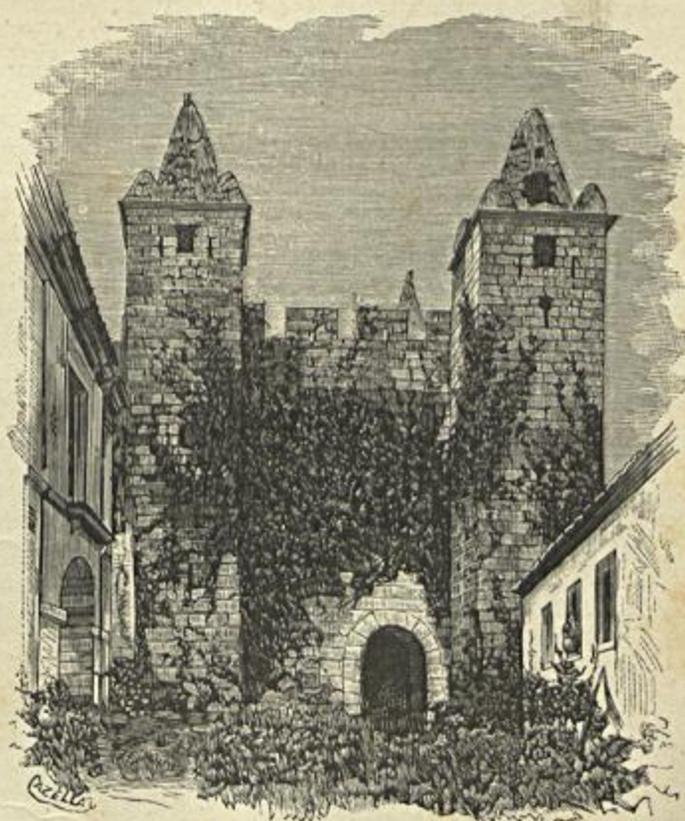
O dia 9 não appareceu mais animador que a noite antecedente. O ceu carregado de nuvens não abysmo a todo o navio, se não fôra a rapida resolução do commandante que logo gritou — A's machadinhas.

N'um momento, viu-se sobre o castello da prôa parte da guarnição do navio armada das machadinhas, emquanto o commandante mandava parar a machina, para que os destroços do desastre não se envolvessem no helice e augmentassem a avaria já soffrida.

Apenas o commandante deu a voz de — Corta, todas as machadinhas como se fossem uma só, cahiram sobre os cabos que prendiam ainda ao navio o apparelho de prôa, e este foi levado na crysta das ondas por bombordo deixando o navio desenrascado.

Estava conjurado aquelle perigo, mas o mal continuava sem treguas, crescendo as ondas cada vez com mais furia, produzindo novos estragos a bordo.

Uma vaga mais valente, que galgou a amurada,

VISTA GERAL DO CASTELLO

PORTA PRINCIPAL DO CASTELLO

SEGUNDA PORTA DE ENTRADA DO CASTELLO

(Segundo photographias do photographo amador sr. F. Domingues da Silva Araujo)

O CASTELLO DA VILLA DA FEIRA

(Vid. artigo Villa da Feira)

veio partir as fundas dos escaleres inçados á prôa escapando milagrosamente o escaler a vapor de ir para o meio do encapellado mar. Teve de se lhe passar uma amarra, assim como foi preciso passar talhas aos rodizios a meia nau por serem insufficientes as peias que tinham, em vista do jogo do navio.

Defender d'estes perigos constituiu um trabalho sem descanço durante mais de 40 horas, principiando pelos officiaes commandantes, que nunca desampararam o seu posto revesando-se apenas por alguns momentos para tomarem alimento, até ao mais simples moço, todos lidavam com presteza no meio da enorme barafunda que ia a bordo.

Pouco depois das seis horas da tarde partiu-se o cabo do leme, sendo preciso passar os teques á cana do leme para se poder governar como Deus era servido.

Faltava-nos mais este transtorno para augmentar o perigo em que nos achavamos, mas graças ainda ao sangue frio do nosso commandante e aos seus muitos conhecimentos praticos, coadjuvados pela experiencia e boa vontade do mestre João Ventura de Oliveira, conseguiu-se gurnir um cabo novo á roda do leme, e portanto dominar-se melhor o governo da corveta.

A noite passou-se como os dias anteriores, no meio do vendaval, sem podermos descançar sequer um momento, mas, felizmente, pela madrugada, principiou a abrandar um pouco o vento o que nos deu alguma esperança, esperança que se foi convertendo em realidade pelo dia adiante, abonançando o tempo e premetindo, ainda que com grande risco, o navio tomar o rumo de S E que era o do porto que demandavamos.

Assim navegámos durante o dia 10 e dia 11, com vento rijo pelo travez e a vaga á pôpa o que era para nós uma feliz bonança depois do que tinhamos soffrido.

A's 9 horas da noite de 11 descobrimos um pharol que nos pareceu ser da terra, mas que depois reconhecemos ser d'um navio; achando-nos, porem, já perto do porto de chegada, e estando o mar bonançoso, o commandante mandou parar a machina, era uma hora da noite, esperando pela madrugada para a corveta entrar em Port-Saïd.

Effectivamente pelas 10 horas da manhã, fundeava o nosso navio dentro do porto e aqui encontrámos a canhoneira *Tamega*, que tinha entrado na vespera com avaria dos paos das cevadeiras que o mar lhes levou e alguns vidros das escotilhas de ré partidos.

Não sei como lhes tenho escripto, no meio da confusão em que me parece ainda estar, impressionado pela horrivel scena a que assisti pela primeira vez na minha vida, mas os numerosos leitores do Occidente que desculpem o mal alinhavado d'estas linhas, que só o desejo de lhes dar uma noticia que se me afigura interessante e desusada me levou a escrevel-as.

Vamos reparar as avarias mais importantes para depois seguirmos para Adem. Estimarei não ter que lhe noticiar mais algum contratempo d'este malfadado navio, e assim me despeço até Moçambique d'onde espero escrever-lhe — Z.»

A corveta *Rainha de Portugal* foi construida em Blackwall (Inglaterra) no anno de 1875. Tem 1120 toneladas e a força de 150 cavallos.

É um dos nossos melhores navios de guerra, com oito bocas de fogo, e que tem desempenhado importantes commissões de serviço tanto na nossa Africa como no estrangeiro.

Não é esta a primeira vez que lhe acontece desastre, pois em maio de 1876, quando o principe de Galles visitou Lisboa, foi esta corveta abalroada no Tejo pela fragata ingleza *Raleigh* do modo mais grosseiro.

O principe de Galles retirou de Lisboa no dia 7 de maio de 1876 a bordo do *Sarapis* acompanhado pela fragata ingleza *Raleigh*, yacht *Osborne* e aviso *Lively*; e el-rei D. Luiz, a bordo da corveta *Rainha de Portugal*, ia acompanhar até á bara o seu illustre hospede.

O *Serapis* levantou ferro e seguiu pelo rio acima até á frente da Praça do Commercio, virando então pelo norte para aproar á barra sem voltar a pôpa para a cidade. A corveta *Rainha de Portugal* seguiu-lhe na alheta, para assim acompanhar o *Serapis*, segundo o desejo de el-rei por deferencia ao seu augusto hospede.

Ao mesmo tempo porém, que se realisava esta manobra, a fragata *Raleigh* largou da amarração e seguindo com grande andamento a *Rainha de Portugal* em breve se poz a seu lado, avançando cada vez mais, de modo que quando a corveta deu a volta, a fragata tambem a deu sem guardar a distancia necessaria e enrascaram-se os dois navios apesar da *Rainha de Portugal* ter parado e cahir toda a ré.

O resultado d'este encontro foi a corveta ficar com o gorupez partido e figura da prôa, partindo-se tambem dois escaleres da *Raleigh*, que seguiu Tejo abaixo nas aguas do *Serapis* com o *Osborne* e *Lively*.

Entretanto da parte do commandante da corveta nenhuma culpa ou erro tinha havido, mas sim uma manobra mal dirigida do commandante da *Raleigh*.

COLONIA SÁ DA BANDEIRA
CASA DO DIRECTOR

A colonia Sá da Bandeira é uma das que mais se tem desenvolvido no curto tempo de que data a sua criação, e esse desenvolvimento deve se principalmente ás magnificas condições do clima e fertilidade do solo, que produz toda a cultura dos paizes temperados.

Tem o governo ali um director, um medico, um capellão, um professor, um escrivão e algum pessoal de obras publicas, empregado nas construcções que se tem feito, entre as quaes se conta a casa do director, que a nossa gravura reproduz.

É esta uma magnifica habitação construida de alvenaria e madeira.

As sommas que o governo tem dispendido n'esta colonia elevam-se a cerca de 60:000$000, e o que haverá de mais importante a dispender é no desenvolvimento de estradas que facilitem o commercio da grande producção agricola d'esta colonia.

No anno de 1887 produziu a colonia Sá da Bandeira 80:000 kilogrammas de trigo, 45:000 de batata; 75:000 de cará; 18:000 de milho; 3:600 de feijão; 1:500 de ervilha e 500 de fava.

O estado sanitario da colonia é o mais lisongeiro; nos seus 600 habitantes encontram-se cerca de 200 creanças em 108 familias, sendo a proporção dos nascimentos para os obitos de 5 para 1.

A maior parte das suas casas são ainda de barro cobertas de capim, por falta de materiaes para as construir d'outro modo, entretanto, ultimamente tem-se feito muitas de madeira, telha e tijollo, para o que já ha fabricação d'estes materiaes.

Um conselho rural composto do director da colonia e quatro colonos mais classificados, dirige os interesses da colonia e arrecada os pequenos impostos que revertem em beneficio geral.

VILLA DA FEIRA

(Concluido do n.º 361)

A primitiva construcção do castello, situado em uma eminencia de onde se descobre a villa e grandes extensões de terreno, é attribuida por uns aos godos e por outros aos arabes.

Não sei se antes do actual edificio ali existiu outro qualquer, porque o presente não tem o minimo indicio das construcções godas ou arabes. É uma edificação da idade média, perfeitamente caracterisada em todos os seus pormenores.

A primeira entrada para o recinto do castello, aberta em uma cortina do muro, é constituida por uma porta ogival encimada pelo brazão dos condes da Feira, que consistia em um escudo com uma cruz de prata floreada.

Dizem alguns escriptores que estas armas foram dadas a D. Rodrigo Forjaz Pereira, por se achar na batalha de Navas de Tolosa em 1212 «em cujo dia appareceu no céo uma cruz vermelha, similhante á de Calatrava (Aviz), a qual muitos fidalgos, dos que ali estavam, tomaram por armas ou por timbre das que já tinham.»

Transposta essa entrada, vê-se um pequeno pateo em rampa suave, existindo de cada lado da porta aberturas á maneira de bocca de forno, que terminam por seteiras em fórma de cruz. No muro do lado direito do pateo estão outras duas seteiras identicas.

Do pateo segue-se para outra porta ogival, que dá entrada a uma passagem abobadada a tijolo, e disposta em angulo.

Transposta essa passagem encontra-se o visitante em um terreiro, a ceo aberto, no fundo do qual se destaca a imponente torre, pittorescamente enlaçada por macissos de heras.

A torre é quadrangular, erguendo-se a cada canto um torreão.

Dá entrada para ella uma porta com arco de volta redonda, parecendo ser esta uma das partes primitivas da construcção.

O interior é espaçoso e muito elevado. Não existe nenhum dos antigos pavimentos, mas vê-se perfeitamente onde se introduzia o madeiramento d'esses andares. Em um d'elles destacam-se ainda tanto por cima da entrada, como do lado direito, as chaminés dos fogões. Do lado esquerdo, aberto no macisso da parede, está tambem um pequeno altar, com tres degraus, tendo de cada lado um columnelo que parece datar das ultimas epocas do estylo ogival.

O tecto é formado por uma forte abobada de granito com nervuras diagonaes e está perfeitamente conservado.

Subindo ao primeiro andar e atravessando-se uma passagem de madeira velha pouco segura, penetra-se por uma pequena porta em uma estreita escada de caracol, de granito, tambem em estado de perfeita conservação, que nos conduz ao terraço da torre.

O pavimento d'esse terraço é formado por grandes lagens de granito, que os seculos ainda não conseguiram desconjuntar. A cada canto do terraço eleva-se um pequeno torreão, de abobada de tijolo, e para o qual se penetra por uma pequena porta. O terraço é todo ameiado e d'elle se descobre um extenso panorama, não só pela altura da torre como pela elevação em que está construida.

Descendo de novo ao pavimento terreo e ao atravessar o passadiço de madeira, vê-se ainda em uma janella proxima, restos já muito tenues da antiga pintura que decorava algumas partes do edificio.

Do lado esquerdo da entrada principal e proximo de uma porta que dá sahida para o exterior, abre-se no pavimento uma abertura circular, sem resguardo algum, e que é sem duvida alguma uma cisterna.

Transpondo-se a porta referida encontra-se a pouca distancia uma outra cisterna, a céo aberto, para o fundo da qual se desce por uma estreita escada de caracol, de granito.

Communicaria esta cisterna com o interior do edificio? Talvez.

Uma vez fóra da torre e caminhando-se para a direita, depara-se-nos uma extensa passagem subterranea que desemboca nos campos que constituiam os dominios do castello. Essa passagem é por vezes ornada de seteiras em fórma de cruz e a meio d'ella existe um pequeno corredor que dá para um espaço ao ar livre.

Nada mais imponente e mais bellicoso do que o aspecto d'essas ruinas acastelladas que demonstram o cuidado que houve em preservar o edificio dos assaltos do inimigo. Por toda a parte grossas muralhas, casamatas e revelins.

E como a natureza ali se expande em completa liberdade, esses restos venerandos das opulencias da idade média, envolvem-se em um manto poetico de heras e de outras plantas que lhes dão uma perspectiva formosissima.

O rei D. Manoel fez em 1512 importantes obras de restauração no referido castello, construindo inclusivamente uma fonte junto da porta principal da torre, que ainda ali se vê, encimada pelas suas armas.

Proximo da torre e dos dous lados do terrado que a ella conduz, existem os antigos paços mandados construir pelos senhores do castello. São edificações que nada teem de notavel na sua architectura e que hoje se acham muito arruinadas.

Foi o rei D. Manoel que creou em 1515 o condado da Feira a favor de D. Diogo Pereira, senhor de Bésteiros. O condado continuou n'esta familia até ao reinado de D. Pedro II, em que se extinguiu por falta de successão, passando o castello e as suas terras e fóros para a casa do infantado.

O Occidente publica a série mais completa de vistas que até hoje tem sido tiradas do Castello da Feira e essa fineza deve-a aos meus amigos José Antonio Ferreira e Francisco Domingues da Silva Araujo, dous distinctos amadores photographicos que me acompanharam na agradavel peregrinação que fiz a essas venerandas ruinas, cuja importancia e belleza de ha muito me attrahiam.

(Porto) *Manoel M. Rodrigues.*

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

X

Quem estava muito embaçada, muito córada e isso comprehende-se, era a irmã do Quim.

Percebia as suspeitas terriveis e justificadissimas que pairavam sobre seu irmão e não sabia como explicar o insolito procedimento d'elle.

Alem d'isso a cobardia reles com que fugira,

não só o compromettia terrivelmente a elle, como tambem a deixava a ella n'uma posição duplamente difficil: — difficil porque a obrigava a arrostar com todo o odioso do escandalo que elle praticára, difficil porque a deixava sósinha, sem companhia que a levasse para casa, áquella hora da noite!

A sua unica esperança era que seu irmão não tivesse ido para longe, estivesse ainda na escada e apenas a criada veio com a vela de cebo, aproveitando a exaltação em que estava toda a assembléa entregue aos violentos commentarios do extranho caso, enfiou pelo corredor e deitou a correr pela escada abaixo á procura do seu mano.

Chegou á porta da rua: a praça da Alegria estava completamente deserta: mergulhou ainda a vista nas escuridões da rua occidental do Passeio, até onde, da porta da casa do sr. Leitão, os seus olhos podiam enxergar, e nem viv'alma!

Era uma vez o Quim!

Não, que elle sabia o que tinha feito e dera com toda á pressa ás de villa Diogo para escapar á responsabilidade e porventura á sova, que pairava sobre as suas costellas!

Lá em cima, no terceiro andar do sr. Leitão, theatro das estapafurdias scenas burlescas que acabámos de narrar, debatia-se calorosamente o acontecido.

Á luz mortiça da vela de cebo amarella, travara-se renhida e violenta a discussão e indignações rubras sybillavam em todas as boccas, excepto na do sr. Leitão que se abria a miudo em repetidos e prolongados bocejos de somno não satisfeito.

A sr.ª Leitão pelo contrario estava apopletica de colera e sentia palpitar-lhe nas veias o sangue batalhador do seu primeiro marido, o defunto bravo do Mindello.

Queria por força que a nodoa que os labios atrevidos do Quim tinham posto na sua bochecha casta, fosse lavada com o sangue do mencionado Quim.

E todos concordavam n'essa benzina, excepto a menina Alice que lagrimejava e o sr. Leitão que escabaceava.

O Dominguinhos, esse era aberta e enthusiasticamente pelo sangue do Quim.

— É preciso, é indispensavel dar uma lição a esse atrevido, trovejava elle tão indignado que nem sequer se lembrava de pôr o monoculo.

— É preciso matal-o, appoiava feroz a sr.ª Leitão.

— Esquartejal-o, aconselhava a D. Rita muito menos pela indignação do beijo dado na Leitão, do que pela dôr da bofetada recebida na sua cara.

E a menina Alice soluçava no silencio das grandes dores.

— É necessario castigal-o deveras disse a D. Ephygenia para o Leitão, mettendo-o á bulha.

O Leitão abrio os olhos com esforço, olhou para ella abanando silenciosamente a cabeça em signal d'assentimento e continuou a dormitar.

— Mesmo para dar exemplo, ponderava o Pereira abanando-o.

— Já se vê, concordava a sr.ª Leitão.

— Porque se não dá um exemplo frizante, continuava o Pereira, vendo muito longe, medindo o alcance das cousas...

— Principia toda a gente aos beijos á sua mulher, concluiu o raciocinio de D. Ephigenia sacudindo o Leitão.

Elle olhava-a então incredulo, com um ar de quem não tinha nenhum receio de que semelhante catastrophe acontecesse.

— Está bem de ver! concordava sua esposa pondo os olhos no chão, pudicamente.

E a menina Alice continuava a soluçar em silencio, com a ponta do nariz já toda avermelhada.

E n'este tom a conversação prolongava-se sem comtudo se chegar a uma resolução definitiva.

A deliberação veio quando depois de toda essa trovejante palestra o sr. Leitão tonto já de estar a fazer comprimentos, e de minuto a minuto accordar sobresaltado aos puchões e ás abanadellas do Pereira, da D. Ephigenia, da D. Rita, e da sua esposa, entendeu que era tempo de acabar com aquillo e d'ir finalmente para a sua cama, disse em tom de presidente que fecha a sessão:

— Muito bem, parece-me que o assumpto está esgotado, e que são horas de cada um ir para a sua casa. Estão todos d'accordo em que é preciso dar um exemplo, não é assim?

— Todos, confirmaram cinco ou seis vozes.

— Então não precisamos estar aqui mais tempo a dar á lingua, é muito tarde e a vela tambem está quasi no fim.

— Tem rasão disse o Pereira pondo-se de pé, não é preciso perder mais tempo em discussões.

— Falta decidir quem hade ser a pessoa encarregada de castigar o insolente, lembrou o Dominguinhos.

— É verdade, disse o Leitão, falta saber quem hade ser essa pessoa.

— Ora essa, interrompeu a sr.ª Leitão, essa pessoa já se sabe quem hade ser.

— Está claro, confirmaram o Pereira, a D. Ephygenia e a D. Rita.

— Já? Perguntou muito admirado o Leitão. Então quem é?

— Quem é, quem? perguntaram os tres muito admirados com a sua pergunta.

E o Leitão explicou-a com a mais ingenua boa fé:

— Sim, quem é a pessoa que hade castigar...

— Ora essa! interrompeu severa a sr.ª Leitão, deitando a seu marido um olhar terrivel, és tu!

— E o senhor! disseram ao mesmo tempo a D. Rita e a D. Ephygenia e o Pereira.

— Eu! exclamou o Leitão muito admirado, olhando para todos com profunda estupfacção.

E repetiu:

— Eu!

— Está bem de ver que sim! disseram os tres.

— Então quem havia de ser, o visinho? perguntou ironicamente a sr.ª Leitão.

— Quem? O commendador Nogueira? respondeu muito serio o Leitão, não percebendo o ar ironico de sua mulher e pensando que a pergunta d'ella era a valer. O commendador Nogueira é um ancião já, um homem doente, muito respeitavel, muito mettido comsigo e que não tem nada com isto. De forma alguma pode ser chamado a estas coisas; nem mesmo por parte de visinhança.

— Fazes-te Manel Sousa, hem? quando se trata de defender a honra da tua familia, bradou indignada a sr.ª Leitão.

— Eu não me faço cousa nenhuma, tornou o marido com muita bonhomia, mas tu é que fallaste no visinho.

— E tu não percebeste que essa minha pergunta transbordava d'ironia.

— Trasbordava? Não dei por isso.

— Nem podia deixar de trasbordar desde o momento em que tu, que tens a honra de ser meu marido, tinhas o descoco de perguntar quem é que devia vingar a offensa que me foi feita.

— Ó filha, eu não perguntei isso por mal, explicou muito delicadamente o Leitão, eu perguntei isso porque não podia advinhar.

— Podia sim senhor, podia e devia advinhar! gritou ella furiosa, exaltadissima, avançando para elle terrivel como o seu primeiro marido que Deus tinha, caminhara em tempo para as hostes miguelistas.

— Então podia, concordou logo muito submisso e assustado o marido, não querendo fazer questão.

— Já se vê que sim, confirmou a D. Rita, é ao senhor que compete dar uma licção a esse atrevido.

— Salvar a honra do convento, accrescentou a D. Ephygenia.

O Leitão muito aborrecido tornou encolhendo os hombros.

— Qual convento nem meio convento! Façam favor de não vir atrapalhar o expediente.

— É claro como agua, interveio o Pereira a seu turno, você como dono da casa é que tem de empunhar o latego, para expulsar os vendilhões do templo.

— Ó homem! aqui não se trata de egrejas E vocês a darem-lhe! gritou o Leitão muito encordoado já.

— Tu é que tens que castigar o beijo atrevido que foi dado nas tuas bochechas, insistiu a sr.ª Leitão.

— Nas minhas? perguntou elle muito aturdido; então não foi nas tuas?

— Nas minhas e nas tuas, emendou a sr.ª Leitão, nas nossas bochechas, em summa.

— Então entendem que sou eu que devo dar uma sova no Quim?

— Ora graças! Até que percebeu! suspirou erguendo os braços ao ceu a sr.ª Leitão.

— Mas olhem que o Quim é um rapaz forte, robusto e eu já não sou muito novo.

— Se o seu antecessor fosse assim...

— Qual antecessor?

— O meu primeiro marido, o meu valente primeiro marido, insistiu com uma admiração enthusiastica, que despejáva sobre o Leitão carradas de desdem. Se elle fosse assim, se perguntasse aos adversarios os annos que tinham, nunca teria sido bravo nem nunca teria desembarcado na praia do Mindello.

— Pois sim, mas os tempos são outros, as epocas das batalhas já lá vão, e a praia do Mindello não é o mesmo que o Quim, ponderou irritado o sr. Leitão, que dava sempre um grande cavaco quando sua mulher lhe vinha com historias do seu batalhador primeiro marido.

(Continúa) *Gervasio Lobato*

REVISTA POLITICA

Está aberta a sessão, são as primeiras palavras que hoje temos a dirigir aos nossos leitores, estas palavras sacramentaes que todos os annos profere o chefe do estado, no dia 2 de janeiro, ao som dos trombones das bandas marciaes, que soltam o hymno aos quatro ventos, e ao estoirar dos foguetes, exactamente como se annuncia a alvorada do 1.º de dezembro, pelas inoffensiveis sociedades patrioticas, de quantas travessas e beccos ha por essa Lisboa.

E em verdade os trombones e os foguetes foi a unica coisa que fez bulha e enthusiasmou por alguns momentos as massas, porque de resto tudo ficou como d'antes, tranquillo e indifferente, sem que, nem a cordealidade das nossas relações com as nações estrangeiras nos enchessem de jubilo, nem a prosperidade das finanças que nos dispensam de vasarmos as algibeiras nas recebedorias do thesouro, nos fizessem expandir em largo regabofe por vermos para ahi estendido de uma vez o terrivel monstro do deficit.

Sim, porque dada a prosperidade das nossas finanças o deficit cheira a defuntos, e contente-se com os desasseis mil contos de divida fluctuante que todos os mezes nos apparecem impressos em caracteres negros, nas folhas diarias.

Entretanto outras novidades nos dá o discurso da corôa, quando falla das propostas de lei que ficaram pendentes da sessão passada, e das que agora ficarão penduradas n'esta, entregues ao zelo, intelligencia e patriotismo dos representantes da nação, e das suas pessoas.

Nada menos de treze, uma duzia de frade, numero de arrelia são as reformas, modificações e providencias que o governo annuncia ás camaras legislativas: reforma da lei eleitoral; modificação na lei do recrutamento; reforma do processo commercial; reforma da medecina legal; aposentação dos parochos; modificação na decima de juros; reforma no regimen fiscal dos cereaes; providencias para auxiliar os bancos portuenses na solução dos encargos do caminho de ferro da fronteira a Salamanca; augmento da marinha de guerra; reformas do codigo da justiça militar e da instrucção do exercito; providencias para as industrias e agricultura.

Este esbanjamento legislativo exige tempo para se discutir e approvar e para amostra já lá vão oito sessões para eleger o presidente, que a final foi eleito por metade da camara porque a outra metada ainda não appareceu.

Mas não se pense que a camara não trabalha com ardor, e esse ardor arde tanto que chegou quasi a ferir lume entre dois dos legisladores que estiveram a pontos de se baterem, o que não se effectuou por um d'elles ter corôa... de padre.

E agora que demos conta aos nossos leitores do que tem produzido as oito sessões parlamentares, pedindo-lhes desculpa se acharem pouco para o seu exaggerado amor da patria, vamos dar-lhe um alegrão, caso não tenham titulos do assaz celebre emprestimo de D. Miguel: foi levantado o embargo ao emprestimo portuguez em Paris, promovido pelo sr. Ephrussi possuidor de grande porção de titulos do emprestimo de D. Miguel, e que achou bom um refens de cinco mil e quatrocentos contos para se indemnisar dos taes titulos.

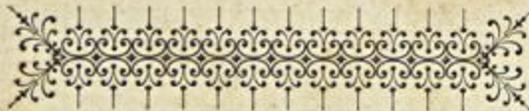
Esta abnegação do judeu em levantar o embargo, ainda não está bem explicada, mas tambem não é facil explicar o hypnotismo e comtudo elle é um facto.

O mais divertido, porém, d'estes ultimos dias, foi o triumpho que o governo e a opposição se arrogam nas eleições das commissões de recenceamento eleitoral.

Ambas as partes se julgam victoriosas e cada uma apregoa a derrota da outra, e nós vemo-nos seriamente embaraçados para avaliarmos o alcance e limpeza d'essas eleições, e dizermos ao leitor quem, na futura galopinagem eleitoral, será capaz de produzir maior numero de deputados e lançar menos quantidade de impostos aos contribuintes.

Precisamente no momento que escrevo estas linhas abre-se um segundo parlamento em Lisboa, que o primeiro já não chega para as encommendas.

É o Congresso Agricola, d'onde a agricultura do paiz espera a sua salvação visto que do congresso de S. Bento só espera impostos. Este congresso agricola produzio o anno passado muito bons discursos e poucas medidas. Promessas houveram mais que as d'um marinheiro em perigo, o que não impediu da agricultura continuar na mesma situação, o que parece de todo não lhes desagradar, attenta a opinião do sr. Pinto Coelho de deixar estar a agricultura como está para não se lhe aggravar o mal.

Homœpathia no caso. *João Verdades*

RESENHA NOTICIOSA

Trasladação dos restos mortaes da rainha D. Luiza de Gusmão. Foram trasladados do convento das Grillas, para a Casa dos Reis de S. Vicente de Fóra, conforme foi determinado, os restos mortaes da rainha D. Luiza de Gusmão, a que já nos referimos na *Resenha Noticiosa* do numero antecedente.

O féretro foi conduzido em um coche da casa real e acompanhado por mais tres coches em que iam officiaes da casa real e o prior do Beato, etc. Um esquadrão de cavallaria fechava o prestito. Em S. Vicente aguardava a chegada do feretro Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha, e o regimento de infanteria 5 fazia a guarda de honra.

Assim ficam devidamente guardados os restos mortaes da fundadora da dynastia de Bragança.

Morte no pulpito. Falleceu repentinamente no pulpito o abbade da freguezia de Rua, o reverendo Francisco de Moura Secco, notavel orador sagrado e distincto cultor das lettras.

A morte surprehendeu-o no meio do sermão que estava prégando na egreja de Almacave, onde se festejava o Santissimo Sacramento, no dia 1 do corrente.

Moura Secco era uma gloria do pulpito portuguez, e alguns dos seus sermões que correm impressos, são verdadeiros chefes d'obra da oratoria sagrada.

Não nos consta que viesse prégar a Lisboa e raras vezes sahia da sua aldeia onde vivia entregue ao estudo e cuidando da sua parochia. No Porto prégou n'umas exequias a D. Pedro IV celebradas na capella da Lapa; o seu sermão é um primor de estylo e de elevação de espirito, em que o iminente orador demonstra como a religião se deve aliar com a liberdade. A elegancia e propriedade da phrase, a sciencia e são criterio affirmava-se de forma brilhante n'este notavel discurso, de que em seguida damos um trecho:

«Para mim a religião, é a liberdade do céo, a liberdade da terra é a pomba que sae da arca e traz o ramo symbolico da paz aos homens. A liberdade da terra é filha primogenita da liberdade do céo. Para mim a liberdade é a harmonia da lei com o direito. A lei do Calvario reconheceu, e sellou a fraternidade dos homens e a sua igualdade perante Deus. O Evangelho é a carta do Christianismo. A lei organica, o pacto fundamental do paiz reconhece a igualdade de todos os cidadãos perante o direito; a Carta Constitucional é o Evangelho politico de um povo. Eu sei, que á sombra da religião medra por vezes o fanatismo e a hypocrisia; são as plantas damninhas do eden do Senhor. Eu sei que á sombra da liberdade medra tambem a impiedade e o atheismo. São a escuma e a vasa da onda limpida da ideia. Mas eu desadoro os erros da intelligencia corrompida, e de corações pervertidos. Condemno no fundo da minha consciencia o fanatismo e a hypocrisia: monstros que minam o altar santo da religião; condemno o atheismo e a impiedade; porque o atheismo é a demagogia do espirito, a impiedade é a anarchia da consciencia. A humanidade não póde viver sem fé; a liberdade não pode viver sem a religião; a sociedade d'hoje não pode viver sem religião e sem liberdade. No forum d'um povo livre, que cousa assenta melhor, que um altar? Ás gerações, que surgem do berço para o futuro, serão sempre necessarias o sacrificio, o heroismo, a dedicação, as lagrimas, a immolação e a virtude, diz um pensador. E qual é o altar onde o homem póde celebrar o santo holocausto senão o altar dos sacrificios incruentos? Onde refrigerar a séde do invisivel, do bello eterno, do puro sem mancha, a não ser na rocha do Calvario? Fazei da civilisação a rainha do mundo; mas dai-lhe para purpura o sudario de Christo.»

Moura Secco escreveu, ainda em estudante, um romance com o titulo de Angelo, que foi a sua estreia litteraria e que lhe valeu muita nomeada.

Morreu no seu posto, na tribuna sagrada onde tantas vezes soltara a sua palavra eloquente e elevara o seu espirito illuminado.

Academia Real das Sciencias. No dia 3 do corrente houve assembléa geral da Academia, presidida pelo sr. dr. Thomaz de Carvalho, não tendo comparecido el-rei D. Luiz por se achar ligeiramente incommodado de saude.

O sr. dr. Thomaz de Carvalho lembrou a necessidade de abreviar os trabalhos para a resolução das questões sobre a ortographia a adoptar no diccionario da Academia.

O sr. Pinheiro Chagas prometteu que em breve seria apresentado o parecer da commissão sobre este assumpto.

O sr. José Horta expoz a conveniencia de se propor ao governo a adopção de uma hora official para todo o paiz. Depois de alguma discussão sobre a competencia da Academia para tratar d'este assumpto, votou-se a urgencia d'esta proposta, e o pedir ao governo, que no interesse geral seja estabelecida como hora official a hora do meridiano de Lisboa.

O sr. dr. Thomaz de Carvalho annunciou que no concurso ao premio D. Luiz de 1:000$000 relativo ao anno de 1887 fôra classificada a memoria do sr. Gomes Teixeira, e que para o anno immediato se ia abrir concurso de 40 dias para a apresentação das obras que concorressem, as quaes deverão ser sobre sciencias moraes e jurisprudencia. Foi proposto socio o sr. conego Alves Mendes, e approvados socios effectivos de 2.ª classe os srs. Theophilo Braga e Luiz Augusto Palmeirim. Para socio correspondente o sr. Mattos author de uma memoria sobre penitenciarias.

Um inedito de George Sand. Lê-se no *Figaro* a noticia de um manuscripto da illustre escriptora franceza George Sand, o qual consta de seis volumes, com o titulo, *Mademoiselle de la Quintine*. O original é escripto em pequenos quartos de papel, com letra bem legivel, mas com muitas linhas riscadas. Este manuscripto foi offerecido por Mr. Mauricio Sand a Mr. Eduardo Filippe.

AFRICA PORTUGUEZA — COLONIA SÁ DA BANDEIRA, CASA DO DIRECTOR

(Segundo uma photographia de Moraes)

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES
25 a 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 a 43